

## O FRACASSO DO MULTICULTURALISMO E A CRISE DAS IDENTIDADES

### *THE FAILURE OF MULTICULTURALISM AND THE CRISIS OF IDENTITIES*

Jacques Alkalai Wainberg<sup>1\*</sup>

#### **RESUMO:**

A pregação realizada nas mesquitas do Ocidente por pregadores conservadores é analisada neste estudo com o objetivo de avaliar seu grau de oposição à doutrina multicultural. O exame retórico esclarece o tipo de história contada às comunidades de expatriados muçulmanos. Esses discursos se revelam hostis aos ditames liberais das sociedades hospedeiras. O multiculturalismo está em crise também devido à reação assumida por vários países contra a incitação ao ódio promovido por tais oradores.

#### **PALAVRAS-CHAVE:**

Multiculturalismo, identidade, islamismo.

#### **ABSTRACT:**

The stories are being told by conservative preachers in the mosques of the West are content analyzed in this study. It becomes clear their hostility against liberal western values and its incitement against a number of targets in host societies, including multiculturalism. This doctrine is also in crisis due to the reaction of several countries against the hatred promoted by such speakers

#### **KEYWORDS:**

Multiculturalism, identities, islamism.

## **INTRODUÇÃO**

Este estudo verifica o tipo de mensagem que está sendo difundida nas prédicas proferidas por imãs conservadores nas mesquitas ocidentais. O tema se relaciona à decepção que muitos no Ocidente demonstram agora aos ditames da doutrina multicultural, e se refere igualmente ao embate filosófico e político que liberais do Ocidente e muçulmanos conservadores travam sobre a identidade de ambos os grupos. O relevante no caso

<sup>1\*</sup> Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). jacqalwa@puocrs.br

é esclarecer a natureza dos argumentos das histórias contadas e o tom emocional das prédicas. Cabe salientar que o tratamento benevolente dado aos refugiados muçulmanos que chegam à Europa deriva pelo menos em parte da culpa acalentada no Ocidente pelo seu passado colonial. A doutrina multicultural é outro resultado desse sentimento. Ela dá voz aos percebidos e classificados como mais fracos e vulneráveis, oportunizando-lhes também um grau relevante de autodeterminação.

No entanto, cresceu na opinião pública do Ocidente, em vários países ao longo do tempo, a sensação de desgaste dessa visão retificadora, que evita a depreciação dos usos e costumes dos grupos minoritários, propõe o respeito à diversidade cultural e se opõe ao etnocentrismo. Tal sentimento de fracasso vem acompanhado de um lamento que questiona a capacidade do ser humano de viver em paz nos ambientes cosmopolitas e fragmentados que surgiram no mundo globalizado. (TOURAINÉ, 1998) Milhões de pessoas estão agora em dúvida. Muitos consideram os imigrantes<sup>1</sup> não plenamente integrados às sociedades dos países europeus como ameaça à sua identidade nacional<sup>2</sup>. Este alarme<sup>3</sup> foi evocado na Inglaterra ainda em 1968, quando o parlamentar conservador Enoch Powell protestou contra a chegada massiva de mão-de-obra estrangeira<sup>4</sup>, algo que começara nas décadas de 1940 e 1950 com a vinda de caribenhos, hindus e paquistaneses, uma comunidade então descrita pelos nativos como *coloured*.

## CRÍTICA

A posição crítica ao multiculturalismo foi afirmada pela alemã Ângela Merkel<sup>5</sup>, pelo sueco Gustav Mattias Anton Kasselstrand e pelo espanhol José Aznar<sup>6</sup>. Na Inglaterra, o ex-primeiro-ministro David Cameron disse que “encorajamos diferentes culturas a viverem separadas umas das outras e da cultura do país”. Foi um casamento forçado, disse ele. Na França, Nicolás Sarkozy<sup>7</sup> ecoou essa opinião. Disse que “em nossas democracias nos ocupamos demais com a identidade de quem chegava e não o bastante com a identidade do país que os recebia”<sup>8</sup>.

Em 2016 comentava-se que existiam em países como a Dinamarca, Suécia, França, Bélgica e Grã-Bretanha cerca de 900 locais nos quais as leis nacionais eram inoperantes<sup>9</sup>. Outro sinal de crise são os dados coletados pela pesquisa realizada em 2005 pela Universidade de Bielefeld. Ela constatou que três em cada quatro alemães diziam que a cultura muçulmana não combinava com a ocidental. Em 2011, outro estudo mostrou que 40% dos ingleses consideravam a presença desta população no país uma “ameaça”.

(MALIK, 2015) Depois, em 2018, um total de 43% dos respondentes de um inquérito inglês previa a deterioração das relações entre as comunidades do país<sup>10</sup>.

Os críticos costumam afirmar hoje que a sociedade europeia é constituída de guetos cujos habitantes pouco interagem<sup>11</sup>. Estudo do cientista político Robert Putnam mostra a propósito deste tema que as pessoas preferem viver em bairros segregados<sup>12</sup>. Ele afirma que a diversidade e a solidariedade estão negativamente correlacionados. (PUTNAM, 2007, p. 142, 147-148)

Esse clima de desagrado levou inúmeros autores e comentaristas como Oriana Fallaci<sup>13</sup>, Bernard- Henri Lévy<sup>14</sup>, Pillar Raola i Martinez<sup>15</sup> e André Glucksmann (2007) a criticarem o fundamentalismo islâmico, seu antisemitismo e o isolamento cultural dos imigrantes que evitam gravitar em torno da matriz cultural do país hospedeiro<sup>16</sup>.

Nos Estados Unidos o *Pew Research Center* tem monitorado em suas enquetes essas reações de desconfiança<sup>17</sup>. O presidente americano Donald Trump também se declarou contra o *globalismo*<sup>18</sup>. O pessimismo implícito neste tipo de diagnóstico é uma reversão das expectativas que ambicionavam educar as pessoas a conviverem e tolerarem a diversidade étnica e religiosa de suas sociedades. A contestação expressa também o mal-estar ao ditame relativista de que todas as culturas têm o mesmo valor. A guerra étnica na antiga Iugoslávia, o terrorismo islâmico e o ataque ao jornal satírico francês *Charlie Hebdo*, entre outras ocorrências de violência política e religiosa aprofundaram a desconfiança dos nativos, algo que atinge agora até mesmo países que acolhiam com boa vontade os recém-chegados do Oriente e da África. São os casos da Austrália, onde 25% da população nasceram no estrangeiro<sup>19</sup>, e o da Suécia<sup>20</sup>.

## NEGOCIAÇÃO CULTURAL

Situação similar de dúvida sobre o desejo de uma minoria se integrar a uma matriz cultural distinta da sua foi enfrentada por Napoleão, que convocou em abril de 1806 uma Assembleia de Notáveis inspirada no antigo Sanedrim. Dessa forma ele buscava esclarecer doze pontos controversos da lei judaica, a *halachá*, e também definir as condições para a integração civil desta comunidade no país<sup>21</sup>.

Tratava-se, na verdade, de uma negociação política sobre a identidade cultural desse grupo (SWANN, 1987), algo que é difícil de ser considerado por comunidades orientadas por normas rígidas de comportamento. Resultou no caso francês o fato de que o

Iluminismo judaico, a *haskalá*, movimento liderado pelo filósofo Moisés Mendelson (1729-1786), estimulou a expansão do judaísmo reformado, que tinha surgido na Alemanha em 1801. No entanto, a dúvida da aderência dos judeus aos valores dos países hospedeiros persistiu no tempo em muitos lugares e serviu de justificativa para impedir a entrada de refugiados israelitas que tentavam chegar ao Brasil, a Cuba, aos Estados Unidos e ao Canadá em fuga dos nazistas na década de 1940<sup>22</sup>. A mesma dificuldade foi sentida por japoneses e árabes, tidos pela autoridade brasileira nas décadas de 1920 e 1930 como grupos inassimiláveis. No caso do catolicismo, a crise causada pelo choque entre a modernidade e a tradição acabaria debelada no Concílio Vaticano II<sup>23</sup>.

Este dilema da aculturação se tornou um tema recorrente e polêmico na atualidade europeia<sup>24</sup>. O resultado esperado hoje é que haja acordo entre os interlocutores envolvidos neste tipo de negociação no qual se discute o que a maioria e as minorias devem assumir sobre suas singularidades. É o que se costuma denominar como *confirmação comportamental*, ou seja, o grupo que é objeto da observação espera ser percebido pelo interlocutor da mesma maneira como percebe a si próprio. (SWANN, 1987; p. 1038)

O europeu de hoje encoraja o crente muçulmano a se comportar de uma forma que seja compatível ao novo ambiente, exigência considerada hostil pelos conservadores<sup>25</sup> que, em contrapartida, a ridicularizam<sup>26</sup>. Em resposta à esta tensão étnica, a Holanda decidiu retornar ao monoculturalismo. O mesmo está ocorrendo na Dinamarca. Segundo proposta apresentada pelo partido conservador desse país, a concessão da cidadania deve implicar a participação do imigrante numa cerimônia na qual ele assina um documento prometendo respeitar os valores locais, entre eles apertar a mão do interlocutor de sexo oposto como sinal de respeito. Esta atitude não é bem-vinda por muçulmanos conservadores e por judeus ortodoxos.

Pode também acontecer o contrário, algo que é chamado de *autoverificação*. No caso, o muçulmano tenta persuadir o europeu a aceitar sua maneira de ser. O tema é controverso, uma vez que esta essência imaginada pela ortodoxia muçulmana é objeto de disputa no interior dessa comunidade. (BARRETT, 2001) De resto é o que ocorre noutros ambientes igualmente. O tema foi amplamente difundido e polemizado pela literatura pós-colonial que rebate os estereótipos ocidentais sobre o Islã e outros grupos do Oriente. (SAID, 2003) O argumento oposto também ganhou projeção, difundindo-se a ideia de que a sociedade ocidental é estigmatizada na pregação dos conservadores muçulmanos e por outras correntes similares. (MARGALIT; BURUMA, 2006)

Neste tipo de embate o conteúdo da aparência ou da imagem comunicada ou projetada pela minoria, seus movimentos para um lado (rumo à ortodoxia) e para o outro (na direção da acomodação com as exigências culturais do novo ambiente hospedeiro) assim como suas estratégias relacionais é que estão sendo desafiadas. (BROWN; LEVINSON, 1987) Certamente isso é doloroso, pois implica choque cultural e desgaste emocional. A alternativa proposta por alguns pregadores é de que a melhor alternativa existente para os imigrantes muçulmanos é retornar ao mundo islâmico original (6760)<sup>27</sup>. Outras atitudes possíveis neste caso incluem a evitação, a coação, a acomodação e integração ou ainda a assimilação pura e simples aos valores do liberalismo europeu<sup>28</sup>.

## RECONHECIMENTO

O contexto atual de desconfiança e conflito cultural deu excepcional realce à tese do *choque civilizacional*, como proposto pelo orientalista Bernard Lewis (2003) e pelo cientista político Samuel P. Huntington (2001). Ou seja, a decepção de parcela dos nativos europeus às dificuldades de integração dos recém-chegados ao Velho Mundo desafia a máxima proposta pela *hipótese do contato*. Ela sugere a ideia de que uma forma de amainar a crise entre grupos rivais é estimular o contato interpessoal de seus membros. Desta forma, espera-se que diminuam também os ranços recíprocos e a discriminação mútua. Esta foi a mensagem difundida por 200 mil pessoas que, na Alemanha, se manifestaram em outubro de 2018 contra a extrema direita do país e o racismo. Seus cartazes diziam “Construa pontes, não paredes”, “Unidos contra o racismo” e “Somos indivisíveis - por uma sociedade aberta e livre”. Subjaz a este tipo de mensagem menos a simpatia dos manifestantes ao conservadorismo islâmico, corrente que se opõe abertamente à integração dos fiéis à sociedade liberal do Ocidente, e mais o pano de fundo da experiência traumática da Europa no período da Segunda Guerra Mundial.

Com base neste tipo de *política de reconhecimento* (TAYLOR, 1994, p. 33) experiências construtivas têm sido promovidas na Ilha de Chipre, onde as comunidades cipriota e grega vivem separadas por um muro guardado por tropas de pacificação da Organização das Nações Unidas (ONU). É o caso também de Wahat al-Salam/Neve Shalom, uma comunidade israelense que reúne habitantes árabes e judeus<sup>29</sup>. O esporte tem servido de lubrificante social ao facilitar a integração das minorias assim como as relações entre países divididos por conflitos<sup>30</sup>. No caso europeu atual, muitos heróis do futebol são

imigrantes ou filhos de imigrantes, algo que ocorre e ocorreu nos Estados Unidos no baseball e no boxe, por exemplo.

Efeito contrário ao reconhecimento, o de ojeriza e repulsa, pode acontecer quando pessoas têm um encontro negativo com alguém pertencente a um grupo social distinto. A tendência de generalizar a sensação de desconforto para todo o grupo adversário é maior do que quando a impressão do interlocutor sobre ele é positiva<sup>31</sup>.

Há também os que defendem o argumento oposto, o de que o multiculturalismo é agora mais necessário do que nunca. Neste campo estão o já citado Charles Taylor (1992) e autores como Tariq Modood (2005) e Bhikhu Parekh (2000). O filósofo político canadense Will Kymlicka (2014) contraria a tese do fracasso mostrando que as políticas multiculturais adotadas por países liberais do Ocidente foram de moderado fortalecimento. O sucesso canadense é destacado como exemplo a ser seguido. Trata-se, na verdade, de uma ocorrência excepcional cujo desenvolvimento teve início em 1988, com a adoção naquele país de uma política de direitos humanos que também descriminalizou a homossexualidade e que, apesar do ponto de vista divergente<sup>32</sup>, admite agora a integração de imigrantes sem a exigência de assimilação cultural<sup>33</sup>.

Cabe salientar que o termo *multiculturalismo* se confunde às vezes com *interculturalismo*. Este segundo conceito afirma a natureza diversa das sociedades humanas, algo que acontece em 90% dos países<sup>34</sup>. Ou seja, somente 10% têm uma população culturalmente homogênea<sup>35</sup>. Este fato tornou-se ainda mais saliente com o processo de globalização cultural, fato que é consequência da facilidade do trânsito das pessoas através das fronteiras, do comércio internacional, da incorporação dos países comunistas ao bloco das democracias e do intenso fluxo internacional de bens simbólicos como filmes, música e conhecimento. Esta nova realidade explica o surgimento e desenvolvimento do campo de estudos sobre comunicação intercultural<sup>36</sup> e a demanda para que os currículos escolares ensinem valores como tolerância e coexistência<sup>37</sup>.

A globalização, por estimular a hibridização cultural, provoca também a reação nativista, que almeja assegurar a manutenção dos traços autóctones dos grupos humanos. Tal sugestão une em alguma medida facções diversas, entre elas os nacionalistas, os separatistas, as ortodoxias religiosas e certos segmentos políticos da esquerda. Paleoconservadores igualmente abominam as instituições globais que administram e dão impulso a este novo mundo marcado por interações virtuais e celebridades globais.

## HISTÓRIAS

Contar histórias é um dos principais mecanismos sociais através dos quais se educa as novas gerações, se perpetua a tradição e se mobiliza as emoções coletivas. Por estas razões, não só as cantigas de ninar estão fortemente marcadas pela moral da história, como também as pregações políticas, históricas e religiosas.

Há que se considerar também o contexto destas elocuições. Ele condiciona sobremaneira a recepção. No caso sob observação, analisando o que é dito numa amostra de sermões proferidos no Ocidente por imãs preocupados em estimular a aderência dos fiéis muçulmanos aos preceitos da lei islâmica, a *shaaria*, o ambiente sacro das mesquitas potencializa o poder e a autoridade do pregador. O templo é um lugar emocional no qual se consolida a identidade coletiva das pessoas. O crente se submete ao ritual porque ele embala a fé que une a comunidade e fortalece sua coesão. Este tipo de persuasão é denominado de *periférico* já que o ouvinte absorve a mensagem sem julgar o seu conteúdo. Tal efeito ocorre devido ao apelo e carisma do orador e ao fato de que as histórias contadas neste ambiente ressoam ao se combinarem com o repertório cultural já acumulado e aceito pela comunidade de ouvintes<sup>38</sup>. O resultado afetivo e cognitivo é bem mais incerto quando a circunstância admite a controvérsia e a argumentação, algo comum de acontecer nos parlamentos e nos debates acadêmicos, por exemplo.

Além dos estudos linguísticos e antropológicos que examinam o poder do discurso condicionar a maneira como as pessoas pensam<sup>39</sup>, também os estudos sobre *contação* de histórias<sup>40</sup> tratam dessa temática. Nessas abordagens sobressai o efeito político<sup>41</sup> produzido pelas narrativas, algo que explica a capacidade das histórias excitarem as audiências (ZILLMANN, 1988) e produzir a empatia do público aos seus personagens<sup>42</sup>, algo que ocorre igualmente no jornalismo. O tom afetivo dessas falas pode ser verificado pelo léxico, frases e expressões (algo que será feito a seguir com a utilização do Linguistic Inquiry and Word Count (LIWC), entre outros recursos (conotações, prosódia, comparações, analogias, eufemismos, metáforas e metonímias, por exemplo). (KOSCHUT, 2017)

Em última instância o *poder produtivo* dos pronunciamentos é o de ajudar os indivíduos a estabelecerem relações sociais. (SOLOMON, 2017, p. 497) No caso, o referido impacto político é *provocado* (HALL, 2017) por referências religiosas, alertas e admoestações morais que, em última instância, geram um resultado avesso à interação intercultural. Heróis e vilões envolvidos nas tramas do Alcorão contribuem à interpretação dos fatos

cotidianos. Tal enquadramento serve de vetor ora à emulação e ora à rejeição dos ouvintes. As histórias da história ajudam os fiéis na avaliação e no julgamento de suas experiências do dia a dia. Criam e fortalecem estereótipos e, por vezes, também, preconceitos. Distinguem, enfim, o sagrado do profano.

Como se verá a seguir, a tensão étnica da atualidade que abate em especial as populações do continente europeu é consequência não só da hostilidade do nacionalismo aos imigrantes, em especial os muçulmanos, como também do efeito espelhado produzido nesta comunidade de expatriados pelas manifestações da ala conservadora do Islã<sup>43</sup>. A inquietação<sup>44</sup> decorre igualmente do pressuposto *relativista* da internacional liberal, que admite e acolhe a *política identitária* posta em prática pelos países que assumiram o multiculturalismo no trato dos inúmeros grupos sociais minoritários de expatriados.

## ESTUDO

Este estudo é uma análise de conteúdo de 75 sermões proferidos em mesquitas e centros islâmicos localizados no Ocidente no período de 2013 a 2018 em locais como Minneapolis, Washington, Chicago, Nova York, Toronto, Vancouver, Montreal, Antuérpia, Londres, Copenhague, Sidnei, Birmingham, Detroit, Houston, Jersey City e Cidade do Cabo. Ficará claro a seguir que tais falas documentam a *verbe* militante de uma vertente deste conflito cultural, a do conservadorismo islâmico. Seus porta-vozes, os imãs, contam uma história comovente cujos principais elementos estão descritos a seguir. O indicador numérico entre parêntese se refere ao número do vídeo consultado no banco de dados<sup>45</sup>. É possível enquadrar os discursos examinados nas categorias que seguem:

**Tradição.** *O papel da mulher muçulmana na sociedade e na família deve ser preservado no Ocidente.* O feminismo ocidental é visto por estes pregadores como desafio à tradicional posição subalterna e submissa da mulher muçulmana em relação ao marido (6749, 6219). Vale o argumento da tradição de que ela não pode lhe negar o prazer da intimidade (5916). Afinal, o homem provê à família abrigo e segurança financeira (6758). Por isso, também, a esposa não pode deixar o lar só e sem a sua permissão (5916, 6258). A circuncisão feminina é admitida (6043), embora esta atitude que não seja unanimidade no mundo muçulmano (6786). Moral: **quando o poder do homem desaparece no lar surge o caos** (6735).



*A heresia. O medo e a culpa.* A luta atual não é armada, embora seja um embate muito mais perigoso do que a guerra física. Trata-se de um confronto cultural. O inimigo do Islã é o secularismo que almeja fazer desaparecer na alma da pessoa a fé no Islã (6715). Tal investida deseja tornar os valores muçulmanos irrelevantes no trato dos temas cotidianos, convertendo-o simplesmente numa prática tediosa de rituais. Seguimos a lei dos homens e esquecemos as de Alá, diz o mensageiro (6667). Afinal, quem estaria disposto a morrer por Ele? (6756). Esse embate entre a lei dos homens e a de Deus acontece desde o século XVII. Traidores hereges não só violam a fé como divulgam a mensagem herética no interior das mesquitas. Esta referência diz respeito aos críticos internos que, no mundo árabe (na Arábia Saudita, no Kuwait e no Egito, entre outros países), criticam o conservadorismo, defendem as mulheres, difundem a existência do secularismo e advogam a causa do liberalismo (5873, 2135, 2062, 5938, 1830, 2056). **Moral: há uma nova cruzada em andamento (6043), que busca conquistar o coração e a mente da ummma<sup>46</sup>.**

*Islamização do hospedeiro (2297, 2597) e a esperança.* O Islã é a única solução para os problemas do mundo (6699). A mensagem é para todos, os habitantes do Oriente e os do Ocidente (5976). Virá o dia no qual a civilização ocidental desaparecerá (6197). Afinal ela deve ao Islã sua existência (4970). **Moral: o caminho é a Jihad (6395, 6246)**

*Vitimização. O Islã está sob ataque.* Os conflitos internos que dividem os muçulmanos devem ser evitados. A energia coletiva deve ser canalizada contra os inimigos do Islã, em especial Israel (6615, 6483, 6475, 6370, 6361, 6326, 6310, 6272, 6176, 6140, 6370, 6033, 6013, 5989, 5923, 5710), os judeus (6244, 5961, 5923, 6695, 6361, 6326, 6140, 6135, 6795, 6133, 6057, 6013, 5961, 5923, 5901, 5762), os sionistas (6246, 6272, 6246, 6244, 6176, 5762, 5710), os Estados Unidos (6591, 6043, 5762, 5756) e também os islamofóbicos (6591, 6487). O Islã precisa ter as três fontes do poder: a fé, a unidade dos muçulmanos e as armas (6378) inclusive para instalar o califado em Jerusalém (6370, 6013). **Moral: a busca da dignidade (6336) implica concentrar o ódio em alguns poucos, mas relevantes alvos.**

*Teorias Conspiratórias e racionalização.* A Alemanha aceita os refugiados para, na verdade, esvaziar a Síria de seus cidadãos (6370). O ataque às torres gêmeas foi feito pela Al Qaeda, uma organização criada pela CIA. Portanto, o Islã não pode ser responsabilizado pelo ocorrido em 2001 em Nova York (6370). O ataque terrorista que matou 250 pessoas numa mesquita do Sinai só pode ter sido feito por judeus (6316), indivíduos

que usualmente são descritos na prosa e literatura recente desta corrente como *macacos e porcos* (2004)<sup>47</sup>. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIS) é uma criação de Israel, um país que tem o objetivo de destruir o Islã desde seu interior (6161). Moral: o Islã não pode ser responsabilizado pelos crimes que são cometidos por muçulmanos em seu nome.

O banco de dados consultado tem uma intenção política e um viés claro: o de documentar os aspectos polêmicos desta narrativa militante, que são contrários à visão de mundo liberal e aos seus valores. Esta posição está claramente exposta na fala do clérigo saudita Muhammad al-Munajid (1734). Ele se opõe à liberdade de pensamento, de fé e de expressão, valores que, em sua opinião, desafiam os dogmas islâmicos tradicionais.

Fica claro na amostra desses videoclipes que os imãs ocupam na comunidade muçulmana uma posição de autoridade, de intérprete dos textos sagrados, de guia político e de juiz moral. Eles estimulam os crentes a aderirem aos preceitos tradicionais, inclusive os que contrariam os hábitos, os costumes e a moral dos países hospedeiros. O que vale é a lei de Alá, não a dos homens, dizem eles. Cabe destacar como cautela o fato de que cada pregador faz uma leitura pessoal do texto sagrado, algo controverso uma vez que inexistente unanimidade entre todos os intérpretes (6255, 6217). Os imãs referidos neste estudo trazem exemplos históricos e religiosos para sustentar os argumentos filosóficos e políticos apresentados em suas falas. Em geral, os filiados a esta corrente conservadora compartilham uma visão odiosa dos judeus (6785), dos Estados Unidos, dos críticos do Islã e do liberalismo secular.

É intensa a pressão psicológica exercida sobre os ouvintes nesses encontros. O tom das falas é muito negativo, o que usualmente ocorre na prosa dissidente. Cabe recordar que, segundo o LIWC<sup>48</sup>, as marcas abaixo de 50 pontos numa escala de 1 a 100 revelam o tom emocional negativo do discurso, algo que ocorreu em 23 casos de um total de 29 examinados neste quesito. A média emocional das transcrições das porções mais polêmicas destas 29 falas é de 29,1 pontos. Comparando com o *communiqué* do grupo alemão *Baader Meinhof* de extrema-esquerda divulgado à imprensa em 2 de junho de 1970, observa-se que o tom emocional deste manifesto é de 20,5 pontos. O anúncio no qual este grupo terrorista alemão comunicava o término de sua militância em 1998 é ainda mais pessimista, chegando a 6,1 pontos, um tom emocional depressivo similar ao encontrado nos discursos de vários destes pregadores muçulmanos (6395, 5961, 5976, 5923, 5916, 6778, 6760, 6756, 6695, 6689, 6670, 6637, 6487, 6378, 6326, 6310).

Este tom se explica porque as emoções negativas são as mais relevantes à política. Elas demandam ação retificadora por parte da audiência<sup>49</sup>.

As conclusões políticas dos imãs incluem o frequente chamado à *destruição dos judeus*, apontados como manipuladores e usurpadores<sup>50</sup>. Elas também excitam o sentimento de *culpa* das comunidades muçulmanas ao divulgarem a ideia de que os fiéis precisam aderir à *shaaria* com mais determinação; de *medo* já que o secularismo bate à porta e promete extinguir o Islã com a tentação do pecado e da heresia; de *ódio* aos inimigos, uma categoria que inclui além dos judeus, de Israel e dos Estados Unidos, também os regimes árabes seculares e os porta-vozes do liberalismo do mundo islâmico; de *ira e revolta* por ser o Islã visto pelos não muçulmanos como o responsável por atos terroristas cometidos em seu nome.

O alívio psicossocial é dado por teorias conspiratórias e *bodes-expiatórios* variados. Em última instância, a vitimização é um mecanismo de *enfrentamento psicológico* cujo objetivo é minimizar ou tolerar o *stress* e o conflito e provocar a empatia e a compaixão dos observadores (SIMON, 1996)<sup>51</sup>. O termo inglês *gaslighting* tem sido utilizado no campo da psicologia para descrever o abuso no qual informações são distorcidas e omitidas para favorecer o abusador.

Por vezes ecoa também um *grito revolucionário* contra o capitalismo (6043). Em suma, resulta a sensação de *desajuste*, *humilhação* e *ressentimento* dos fiéis expostos a este tipo de prédica e de *nostalgia* a um tempo imaginado e cultuado como *glorioso* (6670) e que precisa renascer agora na forma de um Estado Islâmico. Ou seja, o Ocidente é descrito como ambiente ameaçador (6306).

Decorre o confronto. Além do banco de dados constituído pelo *Middle East Research Institute TV Monitor Project* consultado neste estudo, outros inúmeros *watchdogs* monitoram hoje em dia no Ocidente as ações do que se convencionou denominar de *Islã Político*. Entre eles estão, por exemplo, a *Jihad Watch* e a *IKHWANINFO*. Certamente tal interesse pelo que esses pregadores e outros atores fazem e dizem é consequência ora do espanto, ora do medo causado no Ocidente por suas manifestações hostis, que servem também de justificativa a muitos dos ataques realizados contra civis em várias partes do mundo.

Governos europeus e de outros continentes estão reagindo ao tipo de retórica militante e veemente apontado neste levantamento, o que encoraja o ouvinte a cometer um

crime em nome de uma causa valorizada pelo falante. Vários penalizam a incitação ao ódio e por isso restringem de maneiras e graus diversos a liberdade de expressão. Entre eles estão países como Bélgica, Canadá, Chile, Croácia, Dinamarca, Romênia, Rússia, África do Sul, Sérvia, França, Alemanha, Islândia, Jordânia, Malta, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Polônia, Suíça, Grã-Bretanha, Suécia e Singapura. No Brasil várias leis igualmente penalizam o discurso discriminatório e a incitação ao ódio<sup>52</sup>.

A Áustria foi além e anunciou, em junho de 2018, o fechamento de sete mesquitas e a expulsão de 60 imãs do país<sup>53</sup>. Atitude similar foi adotada na França<sup>54</sup> em 2004 e em 2012<sup>55</sup>. Em 2005, o governo britânico anunciou que poderia expulsar tais pregadores caso eles ferissem certas regras de convivência<sup>56</sup>. Em 2015, o próprio Conselho dos Imãs da França pediu a expulsão dos radicais muçulmanos do país<sup>57</sup>. Atitudes mais duras contra este tipo de discurso também estão sendo sugeridas na Holanda<sup>58</sup>, na Itália<sup>59</sup> e na Alemanha<sup>60</sup> e foram adotadas na Suíça<sup>61</sup>, país que proibiu a construção de minaretes nas 160 mesquitas de seu território.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados na amostra selecionada para este estudo revelam que a crise da doutrina multicultural deriva em boa medida da oposição que pregadores muçulmanos conservadores fazem no Ocidente à convivência intercultural, à sua interpretação teológica de que o Islã está sob ataque e ao clamor evocado no púlpito das mesquitas de que esta comunidade de imigrantes necessita revidar à ameaça da assimilação com a fidelidade do crente à sharia. As reprimendas e os conselhos ofertados pelos imãs documentam a tensão e o conflito que essas pessoas vivem no seu ajuste ao novo padrão de vida. A pregação religiosa hostiliza o herege, elabora sobre a jihad e a missão que o muçulmano tem de islamizar o hospedeiro. A mesquita transforma-se assim num ambiente que é também político. Em última instância, sua missão é animar o espírito do fiel para se defender das investidas do liberalismo.

Como visto, a reação das populações nativas à radicalidade evocada neste tipo de evangelização expressa o desalento de muitos em relação ao multiculturalismo. Isso está bem documentado no tom emocional pessimista e lúgubre dos comunicados dos imãs. Com o passar do tempo este embate entre a cultura hospedeira e a trazida na bagagem do recém-chegado tornou-se grave e cada vez mais acirrado. O mal-estar criado por atos de terror contribuiu para produzir efeitos sociais graves que tornaram

a convivência entre os dois grupos um desafio político e psicológico. Entre os efeitos estão a preferência de muitos pela doutrina monocultural, e a ascensão do vigor da militância de grupos xenófobos que se opõem à chegada de novos refugiados.

Fica claro ainda que a negociação cultural ocorre também entre os nativos. Alguns grupos europeus sentem dificuldade em conviver amistosa e pacificamente com hábitos, crenças e atitudes que desafiam os pressupostos culturais de suas sociedades. Portanto, a crise de identidade atinge os dois grupos, o dos imigrantes muçulmanos e o dos hospedeiros.

Este tema deve ser enquadrado no debate corrente sobre o futuro do diálogo civilizacional. O desenvolvimento dos estudos relativos à *educação para a paz* é consequência adicional dessa controvérsia contemporânea que envolve as comunidades de imigrantes muçulmanos que vivem no Ocidente o dilema do choque cultural. O levantamento realizado teve o objetivo de mostrar a natureza de um tipo de discurso colérico e o efeito deletério que ele causa nas delicadas relações étnicas e religiosas contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

- BARRETT, H. C. On the functional origins of essentialism. *Mind and Society*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 1-30, 2001.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BURUMA, Ian; MARGALIT, Avishai. *Ocidentalismo: o Ocidente aos olhos de seus inimigos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- GLUCKSMANN, André. *O discurso do ódio*. Rio de Janeiro: Difel, 2007.
- HALL, Todd H. Three approaches to emotion and affect in the aftermath of the Zhuhai Incident. *International Studies Review*, Oxford, v. 19, n. 3, p. 487, 2017.
- HUNTINGTON, Samuel. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. São Paulo: Objetiva, 2001.
- IDENTITY POLITICS. In: STANFORD Encyclopedia of Philosophy. Sacramento, CA: Metaphysics Research Lab., 2002.
- KYMLICKA, Will. Multiculturalismo? O sucesso, o fracasso e o futuro. *Interfaces Brasil/Canadá*, Canoas, v. 14, n. 1, p. 123-174, 2014.

- KOSCHUT, Simon. Introduction to Emotion and Affect in International Relations. **International Studies Review**, Oxford, v. 19, n. 3, p. 482, 2017.
- LEWIS, Bernard. **What Went Wrong?** The clash between Islam and modernity in The Middle East. New York: Harper, 2003.
- MALIK, Kenan. The failure of multiculturalism. **Foreign Affairs**, [S. l.], mar./abr. 2015
- MODOOD, Tariq. **Multicultural politics: racism, ethnicity and Muslims in Britain**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.
- PAREKH, Bhikhu. **Rethinking Multiculturalism: Cultural diversity and political theory**. London: Macmillan, 2000.
- PUTNAM, Robert D. *E Pluribus Unum: Diversity and Community in the Twenty-first Century*. The 2006 Johan Skytte Prize Lecture. **Scandinavian Political Studies**, [S. l.], v. 30, n. 2, 2007.
- SAID, Edward. **O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SIMON, George. In **Sheep's Clothing: Understanding and Dealing with Manipulative People**. Marion: Parkhurst Brothers, 1996.
- SOLOMON, Ty. Rethinking productive power through emotion. **International Studies Review**, Oxford, v. 19, n. 3, p. 497, 2017.
- SWANN, William B. Identity negotiation: Where two roads meet. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, DC, v. 53, p. 1038-1051, 1987.
- TAYLOR, Charles. **The ethics of authenticity**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- TOURAINÉ, Alain. **Iguais e Diferentes: Poderemos viver juntos?** São Paulo: Instituto Piaget, 1998.
- ZILLMANN, Dolf. Mood management through communication choices. **American Behavioral Scientist**, Hoboken, v. 31, n. 3, p. 327-341, 1998.

## NOTAS

- <sup>1</sup> <https://www.thenation.com/article/the-culture-veil/>
- <sup>2</sup> <https://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/01/201116112228783789.html>
- <sup>3</sup> <https://voxeurop.eu/en/content/news-brief/449951-hostility-islam-rise>
- <sup>4</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=ix\\_7p1qcZxs](https://www.youtube.com/watch?v=ix_7p1qcZxs)
- <sup>5</sup> <https://expresso.sapo.pt/blogues/Opinio/HenriqueRaposo/ATempoeaDesmodo/merkel-e-o-racismo-da-esquerda=f610368>
- <sup>6</sup> <https://renovamidia.com.br/multiculturalismo-fracasso-politico-suecia/>
- <sup>7</sup> <https://voxeurop.eu/pt/content/article/493011-duro-golpe-ao-multiculturalismo>

- <sup>8</sup> É a posição do cientista político Mark Lilla, por exemplo. Ver <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/03/esquerda-deve-tirar-foco-da-pauta-identitaria-para-ser-eleita-diz-mark-lilla.shtml>
- <sup>9</sup> <https://www.express.co.uk/news/world/657520/Europe-no-go-900-EU-areas-police-lost-control> Ver também <https://thedailycoin.org/2017/04/06/cultural-segregation-failure-multiculturalism/>
- <sup>10</sup> <https://www.theguardian.com/world/2018/apr/14/multiculturalism-failed-substantial-minority-britons-integration-rivers-blood-enoch-powell>
- <sup>11</sup> [https://www.jstor.org/stable/41274986?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/41274986?seq=1#page_scan_tab_contents)
- <sup>12</sup> <https://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=12802663> Ver também <https://www.youtube.com/watch?v=uQCn-6N9hng>
- <sup>13</sup> *A Raiva e o Orgulho*. Difel, Portugal, 2002.
- <sup>14</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=hnCLmWrjTmk>
- <sup>15</sup> *Basta*. <https://zn.eboek.win/downloads/basta-ar1064055465.html>
- <sup>16</sup> O localismo é tendência similar observada, por exemplo, em territórios como a Escócia, a Catalunha, o País Basco, Flandres e Valônia, a Córsega, o Tirol do Sul, a Baviera e Quebec.
- <sup>17</sup> <http://www.pewforum.org/2018/05/29/nationalism-immigration-and-minorities/>
- <sup>18</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=HRID\\_p1AsSY](https://www.youtube.com/watch?v=HRID_p1AsSY)
- <sup>19</sup> Em 2007 o governo removeu a palavra multicultural do nome do Departamento de Imigração e Assuntos Multiculturais. Agora ele se chama Departamento de Imigração e Cidadania.
- <sup>20</sup> <https://www.eurocanadian.ca/2016/03/total-failure-of-multiculturalism-in-sweden.html>
- <sup>21</sup> <https://www.jewishhistory.org/napoleons-sanhedrin/>
- <sup>22</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/MS\\_St.\\_Louis](https://pt.wikipedia.org/wiki/MS_St._Louis)
- <sup>23</sup> [https://www.jstor.org/stable/1464275?seq=2#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/1464275?seq=2#metadata_info_tab_contents)
- <sup>24</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=laF6lCQTfK8>
- <sup>25</sup> <https://www.memri.org/tv/arab-american-psychiatrist-wafa-sultan-clashes-egyptian-islamist-talat-rmeih>
- <sup>26</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=TQznBekLBCI>
- <sup>27</sup> Este é o número do vídeo consultado no banco de dados para este estudo. Ver adiante.
- <sup>28</sup> [https://en.wikipedia.org/wiki/Face\\_negotiation\\_theory](https://en.wikipedia.org/wiki/Face_negotiation_theory)
- <sup>29</sup> <https://www.bbc.com/news/av/stories-43557836/jews-and-arabs-living-side-by-side>
- <sup>30</sup> <https://www.jpost.com/Israel-News/Israeli-Judoka-Sagi-Muki-wins-gold-medal-in-Abu-Dhabi-570533>
- <sup>31</sup> <https://sites.google.com/site/markrubinsocialpsychresearch/positive-and-negative-experiences-with-members-of-other-groups>
- <sup>32</sup> <https://www.cbc.ca/news/politics/leitch-immigrants-canadian-values-1.4012764>
- <sup>33</sup> <https://www.opencanada.org/features/canadian-exceptionalism/>
- <sup>34</sup> [https://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_countries\\_ranked\\_by\\_ethnic\\_and\\_cultural\\_diversity\\_level](https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_countries_ranked_by_ethnic_and_cultural_diversity_level)
- <sup>35</sup> <https://www.worldatlas.com/articles/least-ethnically-diverse-countries-in-the-world.html>
- <sup>36</sup> <https://immi.se/intercultural/>
- <sup>37</sup> <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/curriculo-cotidiano-multiculturalismo.htm>  
Ver também:  
[http://www.unilasalle.edu.br/public/media/4/files/revistas\\_publicacoes/1.pdf](http://www.unilasalle.edu.br/public/media/4/files/revistas_publicacoes/1.pdf) file:///C:/Users/jwainberg/Downloads/15994-26856-1-SM.pdf

- 38 <http://faculty.sites.uci.edu/polletta/files/2011/03/Contexts-Storytelling-in-Politics.pdf>
- 39 <https://www.youtube.com/watch?v=RKK7wGAYP6k>
- 40 <https://vimeo.com/195721296>
- 41 <https://compolitica.com/acerca-de-la-construccion-de-relatos-politicos/>
- 42 [https://www.cjr.org/analysis/journalism\\_and\\_the\\_power\\_of\\_emotions.php](https://www.cjr.org/analysis/journalism_and_the_power_of_emotions.php)
- 43 <https://plato.stanford.edu/entries/multiculturalism/>
- 44 [https://www.youtube.com/watch?v=YG6Rb\\_Rng04](https://www.youtube.com/watch?v=YG6Rb_Rng04)
- 45 Ver: <https://www.memri.org/tv/subjects/sermons-by-imams-in-the-west>
- 46 Este termo significa o *povo muçulmano*, ou a *comunidade islâmica* mundial.
- 47 <https://www.loonwatch.com/2013/01/18/are-jews-apes-and-pigs/>
- 48 <http://liwc.wpengine.com/>
- 49 <http://www.oxfordscholarship.com/view/10.1093/acprof:oso/9780199925926.001.0001/acprof-9780199925926-chapter-3>
- 50 Argumento similar foi utilizado pelo supremacista branco que matou 11 pessoas numa sinagoga de Pittsburgh em 28 de outubro de 2018. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/10/28/veja-quem-sao-as-vitimas-do-ataque-a-sinagoga-de-pittsburgh-nos-eua.ghtml>
- 51 [https://www.youtube.com/watch?v=Z-Vv0qpK\\_mE](https://www.youtube.com/watch?v=Z-Vv0qpK_mE)
- 52 <https://jus.com.br/artigos/50011/a-criminalizacao-do-discurso-de-odio-frente-a-funcao-democratica-da-liberdade-de-expressao>
- 53 <https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/ae/2018/06/austria-anuncia-fechamento-de-mesquitas-e-expulsao-de-imas.html>
- 54 Argumento similar foi utilizado pelo supremacista branco que matou 11 pessoas numa sinagoga de Pittsburgh em 28 de outubro de 2018.
- 55 <https://noticias.ne10.uol.com.br/mundo/noticia/2012/04/02/franca-ordena-a-expulsao-de-tres-imas-e-dois-militantes-islamitas-335427.php>  
<https://observador.pt/2016/08/01/franca-vai-continuar-a-fechar-mesquitas-extremistas-e-a-expulsar-imas/>
- 56 <https://www.publico.pt/2005/08/24/mundo/noticia/terrorismo-londres-define-comportamentos-que-podem-levar-a-expulsao-de-estrangeiros-1231203>
- 57 <http://www.diocesedebragancapa.org.br/novo/index.php/conteudo/item/389-imas-franceses-pedem-expulsao-dos-muculmanos-radicaes-da-europa>
- 58 <https://expresso-noticia.jusbrasil.com.br/noticias/139549/holanda-quer-expulsar-muculmanos>
- 59 <https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/italia-expulsa-exima-de-cremona-condenado-por-terrorismo/n1237646847600.html>
- 60 <http://ultraperiferias.blogspot.com/2011/04/alemanha-expulsa-ima-que-pediu-no.html>
- 61 <https://www.efe.com/efe/brasil/sociedade/im-acusado-de-incita-o-a-violencia-afirma-que-n-sabia-disse/50000246-3447799>

Artigo recebido em: 30 de outubro de 2018.

Artigo aceito em: 5 de julho de 2020.